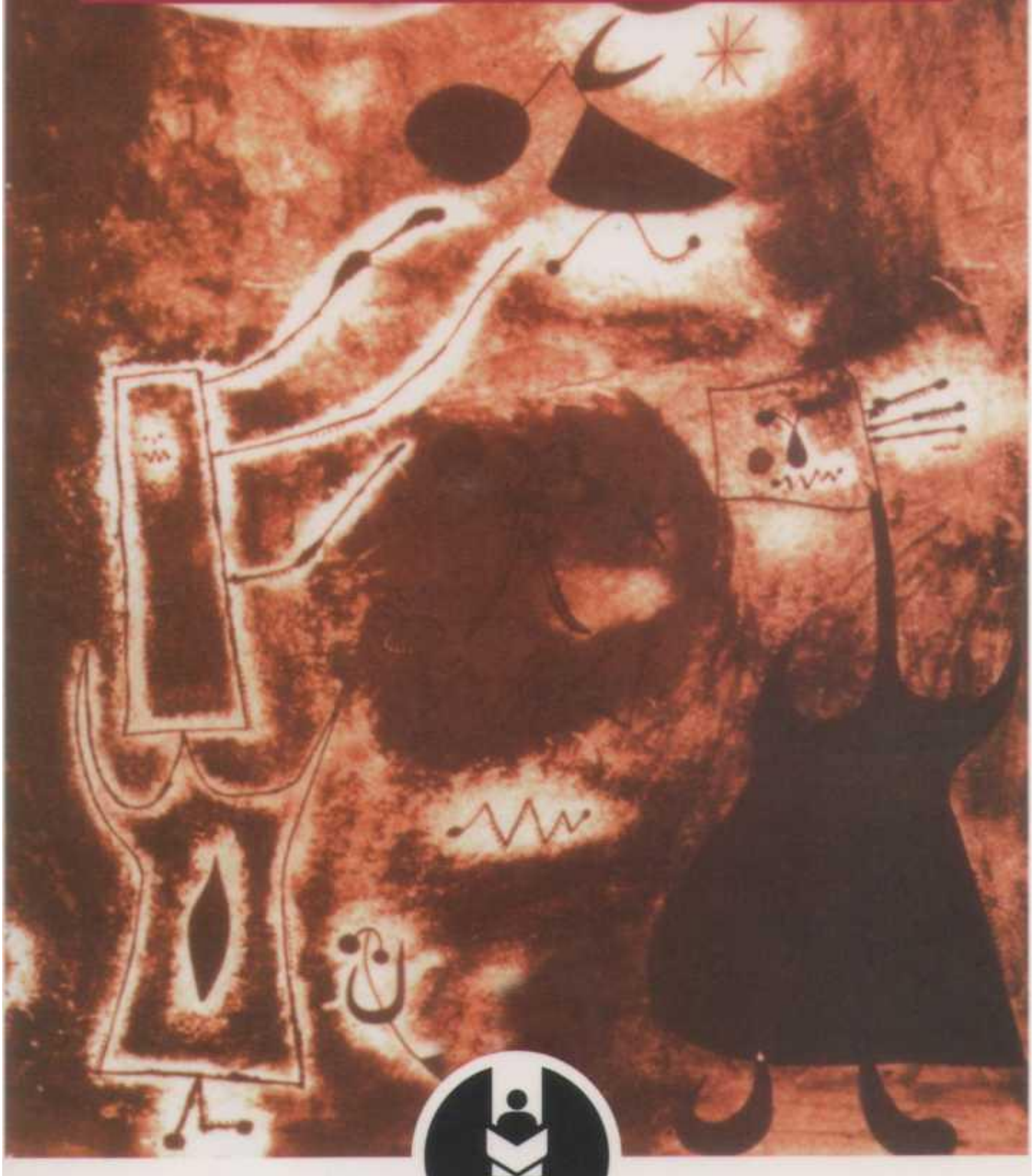
ARMINDA ABERASTURY

A CRIANÇA E SEUS JOGOS



artmed®

Aviso ao leitor

A capa original deste livro foi substituída por esta nova versão. Alertamos para o fato de que o conteúdo é o mesmo e que esta nova versão da capa decorre da alteração da razão social desta editora e da atualização da linha de design da nossa já consagrada qualidade editorial.

artmed
EDITORA

A143c Aberastury, Arminda

A criança e seus jogos / Arminda Aberastury ; tradução Marialzira Perestrello. - 2. ed. - Porto Alegre : Artmed, 1992. 88 p. : il. ; 21 cm.

ISBN 978-85-7307-662-2

1. Jogos Infantis 2. Psicologia Infantil 3. Desenvolvimento Infantil 4. Atividades Lúdicas - Crianças I. Perestrello, Marialzira II. Título

CDU 371.382

Bibliotecária responsável : Sonia H. Vieira - CRB-10/526

ARMINDA ABERASTURY

A CRIANÇA E SEUS JOGOS

Prefácio e tradução:
MARIALZIRA PERESTRELLO

Reimpressão 2007

artmed

1992

Capa:
Mário Röhnelt

Fotografia: Andy Goldstein

ARTMED® EDITORA S.A.
Av. Jerônimo de Orneias, 670 - Santana
90040-340 Porto Alegre RS
Fone (51) 3027-7000 Fax (51) 3027-7070

SÃO PAULO
Av. Angélica, 1091 - Higienópolis
01227-100 São Paulo SP
Fone (11) 3665-1100 Fax (11) 3667-1333

SAC 0800 703-3444

IMPRESSO NO BRASIL *PRINTED IN BRAZIL*

A meus filhos
Enrique,
Joaquin e
Marcelo

Prefácio

Arminda Aberastury ***é analista didata da Associação Psicanalítica Argentina e foi a pioneira da Psicanálise Infantil na América Latina. Psicóloga e pedagoga, resolveu há trinta nnos iniciar sua formação psicanalítica. Desde então, encaminhou seus esforços para o estudo profundo da mente da***
criança e, terminada a formação, dedicou-se intensiva e ininterruptamente ao ensino da psicanálise e ao aperfeiçoamento da técnica analítica em crianças.
Em Buenos Aires, através de seminários, supervisões e grupos de estudo formou os primeiros psicanalistas de crianças, entre os quais se destacam vários nomes de valor. Alguns colegas que trabalham somente com adultos costumam tomar um ou dois casos de crianças para analisá-los sob a su- nnrvisão da Professora Aberastury, com o fito de aumentar
o conhecimento das fantasias inconscientes do adulto, através do inconsciente da criança tão menos disfarçado e escondido. Vários centros psicanaliticos sul-americanos rece- tmram a colaboração direta desta psicanalista. Também eu, quando muitos anos atrás fui uma das fundadoras e Diretora da Clínica de Orientação da Infância da Universidade do Brasil, recebi a influência de seus ensinamentos.
Autora que é de vários artigos teóricos, clínicos e técnicos, tendo chegado a algumas formulações originais, resolve nes-
te livro — o primeiro a ser traduzido para o português — explicar de forma fácil, ao alcance de qualquer pessoa, os di- versos passos da atividade lúdica. O estilo simples, entretan- to, não

impede que também aqueles com conhecimentos de psicologia e psicanálise apreendam a profundidade dos conceitos e opiniões expostos. Para maior aproveitamento didático o texto toma vida com interessantes fotografias de crianças normais no livre gozo de seu brinquedo. O leitor ficará com a noção de que a atividade lúdica é a melhor expressão plástica da vida de fantasia e do desenvolvimento psicológico infantil. Sente-se neste livro a vivência ***constante de quem soube integrar teoria e prática, estudo e experiência. Por tudo isso, ter traduzido para o nosso idioma "El nino y sus juegos", e apresentá-lo ao público de nosso pais, foi e é para mim motivo de grande satisfação.***

Marialzira Perestrello

Sumário

Introdução

Um de meus filhos, Marcelo Pichon Rivière, per- guntou-me um dia o que poderia ler sobre a atividade lúdica e o desenvolvimento da criança. Queria algo não muito técnico, devia preparar um programa de televisão sobre o significado do brinquedo em cada idade e achava que seria interessante transmitir aos pais experiências quotidianas ou algo que lhes fosse útil para compreender os filhos. E' normal aos quatro anos determinado modo de brincar? Corresponde à idade cronológica? Qual o presente adequado para um bebê de oito meses? Será conveniente dar o mesmo presente ao filho de dois anos e ao de quatro, para evitar ciúmes? Por que algumas crianças não brincam? Por que brincam somente com determinado brinquedo e de uma só maneira com monotonia que entristece? Por que há outras crianças cuja atividade é puramente motora e que se movimentam durante todo o dia, mas cujo movimento não é um verdadeiro brinquedo?

— Em que consiste o primeiro brinquedo, e em que idade aparece? — perguntou-me.

Lembrei-me de que muito pouco se escrevera sobre o tema e que mesmo as poucas obras eram muito especializadas. Resolvi dialogar com ele e transmitir-lhe minha experiência. Compreendi, entretanto, que para explicar-lhe por que em determinada idade, em uma criança

normal, sempre aparecia o mesmo brinquedo — o de esconder, por exemplo — idêntico em todas as partes do mundo e que se inicia entre os quatro e cinco meses, seria necessário também explicar-lhe algo sobre o desenvolvimento infantil.

Continuamos assim até chegar aos brinquedos da pré- adolescência. Ele tomava notas, fazia reflexões e, às vezes, formulava interrogações.

— Parece que estou ouvindo minha autobiografia lúdica — disse-me ao terminar.

No dia seguinte trouxe-me algumas notas que resumiam o mais importante de nosso diálogo. O programa se realizou nessa base e ele mostrou a necessidade de eu escrever um livro sobre o tema.

Pensamos, ambos, que deveria ser curto, acessível, evitando todo tecnicismo. Por isso tentei resumir nestas páginas vinte e seis anos de experiência sobre um tema ao qual dediquei a maior parte de minhas horas de trabalho. Muitas vezes me perguntei a razão de, em determinada idade, aparecer este brinquedo e não outro, e de haver crianças nas quais ele não aparece, justamente crianças que sempre apresentam distúrbios. E’ que o não brincar no momento adequado com o brinquedo correspondente acarreta perturbações, e o fato de não surgir um determinado modo de brincar pode ser um sinal de mau desenvolvimento.

Assim, num relance, recordei muitíssimos casos. Pais que me consultaram porque seu bebê de oito ou nove meses não dormia, tivera uma convulsão, ou sofria de anginas de repetição e como a introdução de modificações na rotina diária, a organização da vida doméstica e sobretudo a orientação de sua atividade lúdica permitiram não somente o desaparecimento dos sintomas como uma profunda modificação da estrutura da criança.

Naturalmente isto só acontecia em crianças no primeiro ano de vida. Lembrei-me, também, de muitos outros casos nos quais o único sintoma de neurose grave era uma inibição quanto ao brincar: crianças aparentemente normais, crianças-modelo, que não brincavam e que nunca haviam brincado.

Enquanto relembrava tudo isso, muitas vezes surgiam mais imagens que palavras. Pensamos, então, ser interessante enriquecer o texto com fotografias, e Jaime Bernstein me pôs em contacto com Andy Goldstein. A sugestão foi um sucesso: ninguém melhor do que ele poderia ter interpretado o que eu queria. As explicações não foram necessá- tliis: mostrou-me algumas fotografias de crianças e eu lhe ilisl meu texto.

Imbalhamos juntos durante muitas horas e nos entusiasmamos pelos mesmos achados. Observei-o esperar o apareci- MK;nto de um brinquedo e como se emocionava quando finte surgia com exatidão quase matemática, loria sido muito simples colocar um pequeno lençol nas **IIIûos** de um bebê de cinco meses, depois descobrir o (ilho e fotografar o bebê. Mas isto não ocorreu: ele esperou horas, o bebê brincou de tudo, menos disso, até que, <lo repente, apareceu o lençol e apareceu o olho. E, então, no próprio momento da criação, o brinquedo foi captado. Creio que isto se pode notar nas fotografias.

Até aqui a história de como surgiu a idéia de escrever oste livro, porém agora gostaria que se interessassem polo significado do brinquedo, pela teoria psicanalítica do brinquedo, pelo por que quero transmiti-la nesta forma tão Himples e para que público me dirijo.

Os textos são propositadamente curtos, quase os compararia aos sonhos: ao recordá-los, seu conteúdo manifesto ***6*** breve, às vezes imagens e algumas palavras, mas, para que se produza um sonho, é necessário uma longa história prévia; é necessário também que um acontecimento do dia — “o resto diurno” — ponha em movimento toda a história do passado e tenha assim a força suficiente para chegar à criação.

Assim, de certo modo, foi feito este livro. O resto diurno foi nosso diálogo: a história, meus vinte e seis anos de trabalho com crianças. Como nos sonhos, trabalhávamos com imagens, porém era necessário que estas se expressassem em palavras para que pudessem chegar à consciência.

Não poderia dizer que aqui a imagem esclarece o texto, nem que o texto se enriqueça com a imagem; constituem os dois uma unidade expressiva, cuja mensagem deve chegar tanto a qualquer pai como ao pesquisador do desenvolvimento infantil que pode redescobrir fatos observados, muitos dos quais ainda não explicados.

Freud ensinava que uma criança brinca não somente para repetir situações satisfatórias mas também para elaborar as que lhe foram traumáticas e dolorosas. O aparecimento das situações traumáticas no brinquedo da criança eu o comprovei em meu trabalho diário, mas também me interessava ver que relações entre a maturação e o desen- wolvimento levariam ao aparecimento ou desaparecimento ide um brinquedo em determinada idade.

Usualmente me entusiasmava a evolução de uma criança estimulada a brincar de um modo específico, ou melhor, a quem se proporcionassem as condições para que pudesse escolher livremente o brinquedo correspondente à sja idade.

IMinhas primeiras experiências consistiram em indicar uma atividade lúdica e observar os resultados. Depois, tentava aprofundar as relações entre desenvolvimento e maturação e, deste modo, muitos mistérios se esclareceram, sobretudo em um período precoce do

desenvolvimento, a se- ■gunda metade do primeiro ano.
IPara mim, a descoberta fundamental neste aspecto foi o comprovar que todo bebê passava, entre os sete e doze meses, por um período em que a genitalidade era muito importante e apresentava suas formas de descarga adequadas. Entre elas, uma das mais significativas era o brincar, mas não de um modo geral e sim de maneira muito específica: meter e retirar coisas, introduzir objetos penetrantes em orifícios, encher recipientes com pequenos objetos, explorar buracos. Pensávamos, de acordo com os achados de Freud, que durante todo o primeiro ano de vida, os interesses da criança se centralizassem nos ali- rtientos e nos prazeres e exigências derivados da fase oral: chupar, morder, beijar, lamber, explorar os objetos com a boca. A experiência demonstrou-me que isso se processava assim e de maneira intensa até a aparição dos dentes, para, então, dar lugar a novos interesses. Aparecia, por exemplo, uma necessidade imperiosa de explorar o corpo, tanto o seu como o dos outros, o que a levava a descobrir no seu os genitais. Desta zona genital surgiam exigências que tendiam à satisfação. Comprovei que a criança, além de conhecer a diferença de sexos, também tinha seu modo de expressar formas de procurar satisfazê-lo, o que demonstrava conhecer suas funções sexuais. Essas excitações e exigências necessitavam de descargas, que, de acordo com a maturação e o desenvolvimento, eram específicas para cada idade.
Parte das necessidades genitais se satisfaz com a masturbação, com o mostrar seu próprio corpo e demonstrar curiosidade pelo dos outros.
Outras necessidades se satisfazem graças à identificação projetiva com a figura dos
Iiills unidos e, por último, com a atividade lúdica na qual nonseguem a união simbólica dos sexos.
An mesmo tempo, neste momento, surgia o aprendizado iln movimento e a necessidade de se deslocar no espaço, acarretava, por sua vez, uma nova série de exigên- iiliis: movimentar-se, exercitar a força, manipular objetos, iri vezes, com violência.
Ao surgirem essas novas necessidades, era necessário nlondê-las para que o desenvolvimento seguisse seu curso normal e, se estas eram descuidadas, a criança apresen- lava distúrbios.
A experiência mostrou-me que o brinquedo oferecia ao liobê uma longa série de experiências que correspondiam a estas necessidades específicas da etapa do desenvolvimento a que me referi e a todas as posteriores.
O brinquedo possui muitas das características dos objetos mais, mas, pelo seu tamanho, pelo fato de que a criança nxerce domínio sobre ele, pois o adulto outorga-lhe a qualidade de algo próprio e permitido, transforma-se no Instrumento para o domínio de situações penosas, difíceis, traumáticas, que se engendram na relação com os objetos

reais. Além disso, o brinquedo é substituível e permite que a criança repita, à vontade, situações prazenteiras e dolorosas que, entretanto, ela por si mesma não pode reproduzir no mundo real.
Freud foi o primeiro a descrever este mecanismo psicológico do brincar quando interpretou o brinquedo de uma criança de 18 meses. O garoto fazia aparecer e desaparecer um carretel, tentando, assim, dominar a sua ansiedade em relação ao aparecimento e desaparecimento de sua mãe, simbolizada pelo carretel e, ao mesmo tempo, jogá-la longe sem perigo de perdê-la, já que o carretel voltava quando ele o desejava. Este brinquedo permitia ao menino descarregar, sem risco algum, fantasias agressivas e de amor em relação à mãe, já que era senhor absoluto da situação. Além disso, elaborava deste modo sua angústia diante de cada despedida da mãe.
Ao brincar, a criança desloca para o exterior seus medos, angústias e problemas internos, dominando-os por meio da ação. Repete no brinquedo todas as situações excessivas para seu ego fraco e isto lhe permite, devido ao domínio sobre os objetos externos a seu alcance, tornar ativo aquilo que sofreu passivamente, modificar um final que lhe foi penoso, tolerar papéis e situações que seriam

proibidas na vida real tanto interna como externamente e também repetir à vontade situações prazerosas.

A observação do brinquedo efetuada por Freud continua até hoje a ser um modelo, mas descobri que o que Freud descreveu para os 18 meses — o brinquedo de esconder — surgia muito mais cedo. O brinquedo de se esconder, aparecer e desaparecer ou o de fazer aparecer e desaparecer objetos, como o do lençol — ilustrado no livro — aparece entre os 4 e 6 meses e corresponde a motivos psicológicos profundos. Neste momento do desenvolvimento o bebê atravessa uma etapa denominada "posição depressiva", na qual tenta elaborar a necessidade de se desprender da relação única com a mãe para poder passar para a relação com o pai; desse modo, se estabelece a tríade mãe-pai-filho, que é a base das futuras relações do indivíduo com o mundo.

Desprender-se da relação única com a mãe e orientar-se para o pai abre à criança o caminho de interesses múltiplos no mundo exterior e lhe permite formar laços com pessoas e objetos cada vez mais variados e numerosos. Estas novas relações e todas as situações de mudança mencionadas despertam ansiedade e, de diversos modos, o brinquedo oferece a possibilidade de elaborá-las.

Uma situação traumática existiu. A criança pode imaginá-la, pensar nela, perder o sono, ser presa de pavores e até desenvolver uma fobia, porém não poderia condicionar essa nova situação no mundo externo. Pode, isto sim, repetir muitas vezes esta experiência, já que o psiquismo dispõe de uma capacidade denominada “compulsão à repetição” que impele o indivíduo a reproduzir situações não elaboradas e a levá-las cada vez mais à consciência. Por exemplo, os ciúmes despertados pelo nascimento de um irmão podem ser expressados através do brinquedo porque estes personificam os objetos reais e porque a ação sobre eles pode realizar-se sem a angústia e sem a culpa que sobre viriam se a descarga de sentimentos agressivos e ciumentos recaíssem sobre objetos reais. Não nos esqueçamos de que a criança além de rejeitar o irmão, a mãe e o pai, também os ama, necessita deles e quer conservá-los. A canalização de afetos e conflitos para objetos que ela domina e que são substituíveis cumpre a necessidade de descarga e de elaboração, sem pôr em perigo a relação com seus objetos originários.

(iom o crescimento surgem novos interesses, novas situares de mudança e os brinquedos se modificam. Foi isto
ii que quis transmitir por meio deste livro.
A substituição do objeto originário, cuja perda é temida 6 lamentada, por outros mais numerosos e substituíveis, H distribuição de sentimentos em múltiplos objetos e a nluboração de sentimentos de perda através da experiência <ln perda erecuperação, tal como observou Freud ao iinalisar o brinquedo do carretel, constituem as bases da nlividade lúdica e da capacidade de transferir afetos para o mundo externo.
Usando o mecanismo da identificação projetiva, as crianças luzem transferências positivas e negativas para os objetos conforme estes excitem ou aliviem sua ansiedade e este mecanismo é a base de toda sua relação com os obje- los originários. Através das personificações no brinquedo, observa-se como o objeto pode modificar-se, com rapi- dez, de bom para mau, de aliado para inimigo. Por isto, D brinquedo infantil, quandonormal, progride constantemente para identificações cada vez mais aproximadas da rnalidade.
Acredito que um pai, um observador comum ou um pro- Iissional ao lerem este livro, poderão ir descobrindo as lolações entre os processos de maturação e crescimento, H o aparecimento de novos interesses no brincar. Creio Imnbém que, ao observar o brinquedo de um filho ou de uma criança qualquer, poderão ter uma noção da marcha ilo seu desenvolvimento.
0 primeiro passo da aplicação dos conceitos aqui expos- los sobre o significado do brinquedo foi a aplicação da ntlvidade lúdica à terapêutica. Freud proporcionou as bases <In técnica do brinquedo, posteriormente desenvolvida por Molanie Klein e, em nosso meio, por um grupo numeroso do psicanalistas de crianças que, seguindo minha orien- tnção, aplicaram a técnica de Melanie Klein com algumas modificações.
Por meio da atividade lúdica, a criança expressa seus conflitos e, deste modo, podemos reconstruir seu passado, iiRsim como no adulto fazemo-lo através das palavras. Esta i'i uma prova convincente de que o brinquedo é uma das lormas de expressar os conflitos passados e presentes. Hm passo muito importante foi o de utilizar a observação do horas de brinquedo para o diagnóstico das enfermida- iltis e assim chegamos à conclusão de que, na primeira

hora, uma criança mostra não somente a fantasia inconsciente de sua enfermidade, como em muitos casos a fantasia inconsciente de sua cura. Esta é outra prova das relações entre o desenvolvimento emocional, a normalidade do desenvolvimento e a atividade lúdica.

Neste livro, porém, quis referir-me, propositadamente, apenas ao brinquedo da criança normal. Até hoje, tudo o que escrevi a respeito do brinquedo, sob o ponto de vista psicanalítico, se relaciona a crianças que padecem de conflitos e apresentam sérias dificuldades. Aqui, tentei mostrar do que brinca uma criança à medida que se desenvolve.

Se insisti sobretudo quanto à iniciação do brinquedo e quanto aos dois brinquedos básicos do primeiro ano de vida, é porque creio que neste primeiro ano e nestes dois brinquedos fundamentais, que aparecem na primeira e segunda metade deste ano, estão os fundamentos de todos os desenvolvimentos posteriores da atividade lúdica e de toda atividade sublimatória.

Em seu livro sobre o brinquedo, Huizinga considera que o brinquedo constitui o fundamento da cultura. Eu acrescentaria que o brinquedo do primeiro ano de vida dá as bases do brincar e das sublimações da infância e além disto conduz aos jogos amorosos tal como esboço nas últimas páginas de meu livro.

A criança ao nascer

vem com ***a*** expectativa do tipo de mãe que lhe virá ao encontro. Se os dois se combinam, o filho que necessita da mãe e a mãe disposta a entregar-se, tem lugar a experiência gratificadora de uma feliz maternidade.
O mesmo ocorre com a paternidade, pois com a mesma

intensidade com que a criança, ao nascer, necessita da mãe, precisará do pai quando, por volta do quarto mês de vida, começa a separar-se da mãe e em especial da relação lúdica com ela.

Encontrar o pai significa não somente poder separar-se bem da mãe como também encontrar uma fonte de identificação masculina imprescindível tanto para a menina como para o menino, porque a condição bissexual do ser humano exige a existência do par pai e mãe, para que se alcance um desenvolvimento harmônico da personalidade.

Uma boa maternidade e uma boa paternidade permitem à criança superar grande parte das dificuldades inerentes ao desenvolvimento.

Desde a concepção

da criança, a situação do casal em relação ao filho é diferente. A mãe sente que se enriquece com algo que está crescendo dentro de seu corpo, enquanto o pai se sente, de certo modo, excluído. O filho rompe a relação única do casal e a partir deste dia é necessário aceitar a inclusão do terceiro, o que nem sempre é fácil.

Quando o bebê nasce

precisa adaptar-se a um mundo novo que deverá conhecer e compreender. Sua capacidade perceptiva vai forjando uma noção deste mundo, mas a incapacidade motora limita sua possibilidade de exploração.
Muitas de suas tentativas de explorar o ambiente constituirão a base de sua futura atividade lúdica.

Desde o nascimento

até o segundo terço do primeiro ano de vida, o interesse da criança se centraliza quase que exclusivamente na mãe.
Com poucos dias de vida é capaz de reconhecê-la pela voz, pelo olfato.
Já ao nascer, sabe muito sobre ela: pode reconhecer, entre muitos outros ritmos, o de seu coração, ao qual se habituou durante os nove meses em que viveu dentro dela.
A visão se desenvolve desde o primeiro momento: pode fixar os olhos em um objeto e distinguir luz e sombra. Sua capacidade de provar e reconhecer os sabores é notável desde as primeiras horas de vida e todas essas experiências vão enriquecendo em sua mente a imagem da mãe.

E’ imprescindível

que a pele da mãe esteja em contacto com a pele do bebê desde os primeiros momentos; isto prepara a criança para um bom desenvolvimento. A perda da sensação de estar dentro do ventre materno é mitigada com um bom contacto físico que, justamente, lhe permite elaborar a perda. Esta relação física é totalmente necessária após o nascimento e só gradativamente poderá ser substituída por outra forma de contacto.
A carência desta relação satisfatória acarreta distúrbios no contacto com a realidade e predispõe a criança a doenças da pele.

Entre o terceiro e o quarto mês

modificações fundamentais se produzem em sua mente e em seu corpo; já conhece a mamãe, ama-a e rejeita-a, sente-se amado e rejeitado, toca-a e começa a brincar com o corpo dela: o objeto de seu amor e de seu ódio é a mesma pessoa. Esta revelação de totalidade inicia um processo de desprendimento que conduzirá à procura do pai e do mundo circundante.

Em tomo dos quatro meses

inicia-se a atividade lúdica. Algo fundamental ocorreu na vida mental da criança: os objetos funcionam como símbolos e, ao mesmo tempo, produzem-se em seu corpo modificações que facilitam o exame do mundo. Começa a ser capaz de controlar seus movimentos, coordena-os com a vista e já pode, com muita precisão, aproximar a mão dos objetos, desde que estes estejam próximos.

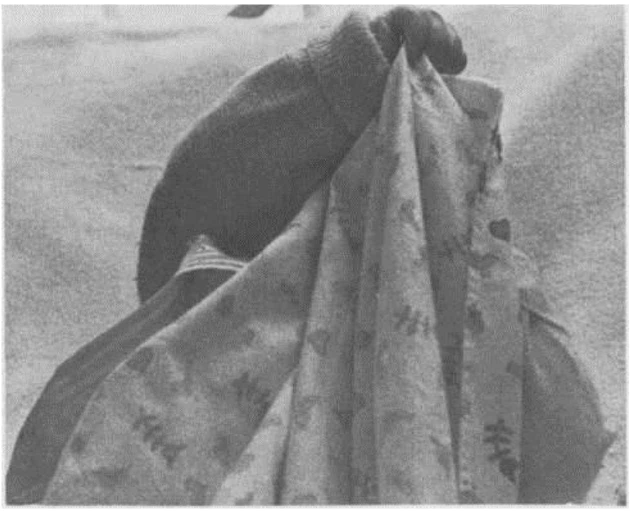
Quando, entre quatro e seis meses é capaz de se sentar, a relação com os objetos que a rodeiam se modifica. Com habilidade cada vez maior já lhe é possível apoderar-se do que necessita, sempre que o objeto esteja próximo: pode tocá-lo, pô-lo na boca e abandoná-lo à vontade.

O pedaço de lençol que leva à boca e atrás do qual se esconde representa a mãe; o chocalho que sacode, chupa e morde, seu dedo, a grade da cama, cada objeto próximo

ou distante adquire vida e a estimula a novas experiências.

Brincar

de se esconder é sua primeira atividade lúdica e com ela elabora a angústia de desprendimento, a desolação por um objeto que deve perder.



Aos quatro meses a criança brinca com seu corpo o com os objetos; desaparece atrás do lençol e torna a aparecer; dessa maneira, o mundo *momentaneamente* se oculta e ela volta a *re*cuperá-lo quando seus olhos se libertam do objeto atrás do qual estava escondida.

*B*rInca também com os olhos: fechá-los e abri-los perder o mundo ou possuí-lo.

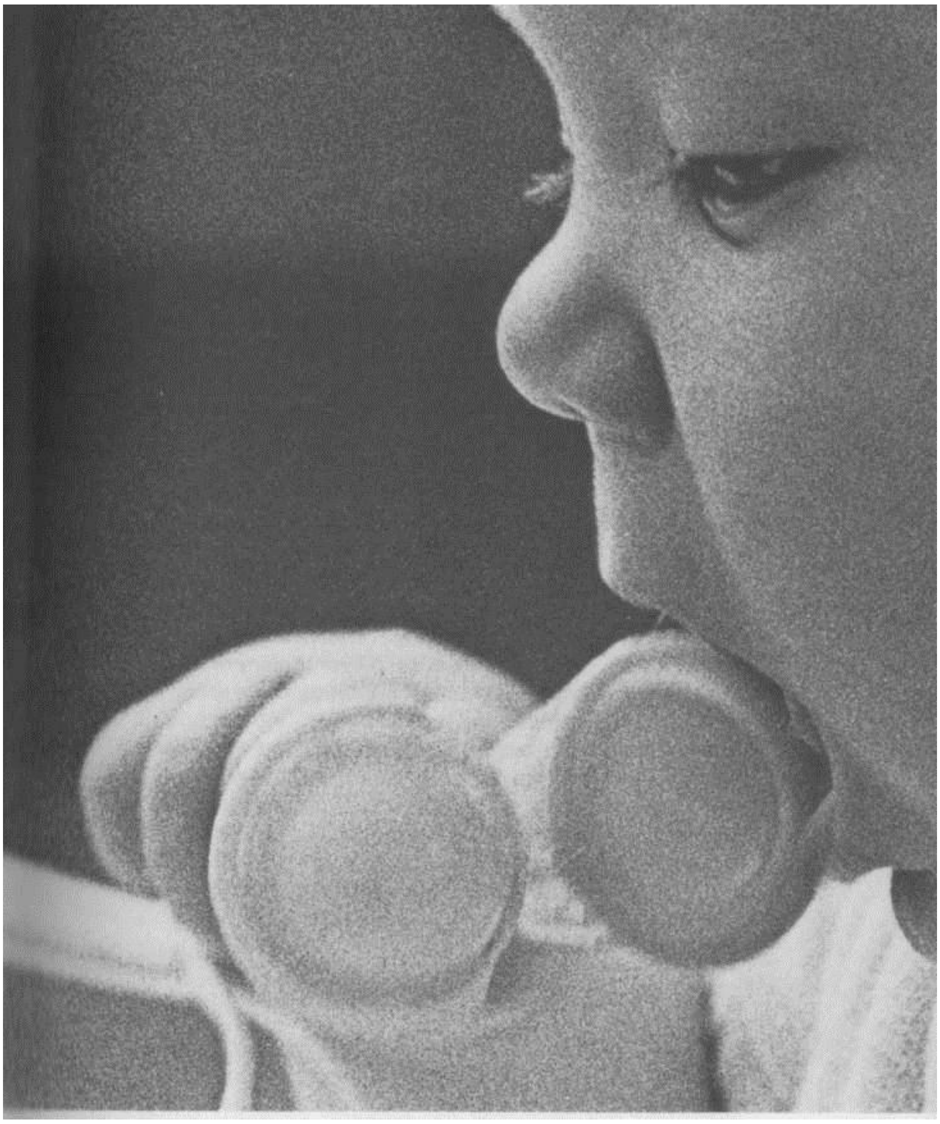


De seu corpo saem sons

e agora é capaz de repeti-los, uma e outra vez; escuta-os e sua expressão modifica-se. Estes sons, chamados balbucios, são sua primeira tentativa de expressão verbal. Assim como a palavra, começam a ser um objeto concreto para sua mente e também com eles pode brincar. Sua repetição é um brinquedo verbal, pode fazer com os sons o que já experimentou com os objetos.

O primeiro brinquedo que se dá à criança, o chocalho, é o

herdeiro do primeiro instrumento musical: a sonalha. A sonalha de cabaça é oca como o chocalho e contém pequenos guizos ou pedaços de madeira quase sempre com um valor mágico que, ao se chocarem contra as paredes, produzem um som. As crianças africanas, japonesas, espanholas, finlandesas, as crianças de todos os tempos brincaram com um chocalho. Com ele, também, algo aparece e desaparece: os sons.



A criança também descobre

através dos movimentos. Descobre que ao bater em um objeto pode também produzir sons. Sabe que um corpo que cai, uma porta que se fecha de repente, produzem sons; todos os sons lhe interessam e muitos a assustam. Tenta reproduzi-los para vencer o medo e o chocalho serve para repetir estas experiências. E' algo fora de seu corpo que simboliza a mãe e que ela controla com sua mão.

Do mesmo modo que a mãe e ela mesma, o chocalho tem algo dentro que se move e produz sons; então chupa-o, explora-o, morde-o e vai reproduzindo experiências que a tranqüilizam. Bate com ele nas grades da caminha, joga-o no chão, morde-o, amassa-o, manipula-o.

Quando atira os brinquedos no chão, espera e exige que lhe sejam devolvidos. Não age por maldade nem para controlar; tampouco para escravizar o adulto. Este brinquedo é cacete mas necessário; a criança experimenta, assim, o poder perder e recuperar o que ama.

Entre os quatro e os seis meses

a criança adquire diversos modos de elaborar a angústia de perda. Através de seus brinquedos intui, sente e elabora que as pessoas ou os objetos tanto podem aparecer como desaparecer.

Expressa isso em seu mundo lúdico. E' capaz de passar muito tempo reconhecendo os objetos, afastando-os e aproximando-os de si.

Emite sons e brinca com eles. Paradoxalmente, ao encontrar a forma de elaborar suas angústias de perda, exige com urgência incontrolável a presença de seus verdadeiros objetos: os pais.

Chora, fica cheia de raiva se não consegue essa presença, se não é compreendida; não é necessariamente alimento o que exige; sua mãe já representa para ela mais do que aquela que lhe acalma a fome: ela é uma voz, um contacto, um sorriso, o ritmo de seus passos; precisa da mãe simplesmente para saber que não . desapareceu, que pode possuí-la e contar com ela; o temor de perdê-la é a angústia mais intensa nesta idade; toda a sua vida emocional está impregnada desta angústia: é o motor do brinquedo e de todas as atividades que descrevemos.

Iniciou-se o penoso processo de abandonar a relação única com a mãe e aceitar de modo definitivo a presença do pai. Neste período sofre verdadeiras depressões.

Suas tendências destrutivas aumentam quando aparecem os dentes, instrumentos que podem ser usados para morder e dilacerar. Com o aparecimento dos dentes, o desprendimento, até então fruto da fantasia, se converte em realidade.

A perda do vínculo

único com a mãe e a necessidade de um terceiro determinam uma nova primazia de necessidades na vida da criança: já não lhe basta sua mãe para o desenvolvimento, necessita de um pai.
Mas a presença do pai não é suficiente para a criança, é necessário também que aquele encontre uma forma de comunicação com o filho, que responda às necessidades de paternidade do garoto, as quais, conquanto pareçam com as da maternidade, têm matizes diferentes.
Um pai que pode dar banho no filho, dar-lhe a comida, brincar com ele, sair com ele, é importante. Mais importante ainda é o papel que desempenha, fortalecendo sua união com a mãe e oferecendo ao filho o casal como fonte de identificação.
Se o homem ou a mulher não podem superar sua rivalidade em relação ao filho, e sentem que ao dar afeto à criança estão impedindo que o outro o expresse, podem inibir-se em suas funções.
As conseqüências de carência paterna são tão graves como as da materna, mas ainda não foram objeto de um estudo profundo.

O menino descobriu

que há partes de seu corpo que indicam a diferença entre os sexos, e também a revelação de que esses órgãos podem levá-lo à união.
A angústia da separação que motivou seus primeiros brinquedos continua elaborando-se neste período, em cujo transcurso os objetos se juntam e se separam num contínuo repetir-se de encontros e desencontros.
Assim como se constituem, neste primeiro ano de vida, os fundamentos de sua vida mental, também seu mundo lúdico se origina desses primeiros jogos de perda e recuperação, de encontro e separação.

Na segunda metade do primeiro ano



surge novo interesse em seus brinquedos: descobre que algo oco pode conter objetos, que algo penetrante pode entrar em objeto oco. Brinca incessantemente com isso. Este grande descobrimento é o anúncio da forma adulta de manifestar amor: entrar em alguém, receber a alguém dentro de si, unir-se e separar-se. Passa, assim, a explorar tudo o que seja penetrável e a usar tudo o que possa servir para penetrar; os olhos, os ouvidos, as bocas das pessoas vizinhas, lhe permitem fazer suas primeiras experiências de exploração. Seus objetos preferidos são pequenos: são os receptáculos de seus dedos exploradores.





Uma vez



realizados esses jogos com seu corpo e com os das pessoas que a cercam, passa a brincar com coisas inanimadas: o buraco da banheira, canos, esgotos, fendas na parede, buraco da fechadura, tudo é objeto de seus brinquedos. Um pau, um lápis, óculos, seus dedos, tudo serve para pôr e tirar, unir e separar.

Entre oito e doze meses

as diferenças anatômicas dos sexos se manifestam nos brinquedos. A menina prefere colocar objetos num lugar oco, e seus brinquedos repetirão essa experiência; o menino, ao contrário, escolhe os objetos com os quais possa penetrar. Este interesse não é exclusivo: sua condição bissexual lhes permite desfrutar também do brinquedo do outro sexo, mas, se a criança é normal, sua escolha torna-se bem clara já nesta época.

Entre os oito e doze meses a criança se desloca no espaço circundante, engatinhando. Seu campo de ação se amplia e começa uma consciente e paciente exploração dos objetos. Ao fim do primeiro ano, o pôr-se de pé e o caminhar lhe permitem afastar-se voluntariamente dos objetos e reencontrá-los.
Na aprendizagem do andar, não há andador que substitua os braços da mãe.

As fezes e a urina

que seu corpo elabora lhe dão modelos fantasiados do que seja a concepção. Entram alimentos em sua boca, passam através do corpo e saem transformados; os sólidos, susceptíveis de originar formas, transformam-se no símbolo de sua capacidade criadora. A criança ama e teme

as substâncias que saem de seu corpo. Uma vez que elas estão condenadas a desaparecer devido às proibições do adulto, a criança busca na água, terra e areia os substitutos permitidos das fezes e da urina.
Desse modo, a água, terra e areia passam do estado de puras substâncias para adquirir aspecto de objetos. Serão crianças, castelos, animais selvagens, mangueiras de apagar incêndios, líquidos com poderes mágicos, etc.
Mais tarde, o adulto lhe oferecerá uma substância, uma massa especial, com que poderá modelar objetos.
Seu ventre fecundo e o da mãe irão tomando o primeiro plano. A fecundidade, conseqüência da união, começa a interessá-lo. Aparecem os tambores, os globos, as bolas, como brinquedos prediletos que simbolizam o ventre fecundo.



O tambor

junto com o chocalho, foi um dos primeiros instrumentos musicais. Em épocas primitivas era uma cavidade feita no solo, coberta com uma casca de árvore; era tocado somente por mulheres e usado nos rituais de fecundidade. O instrumento usado para percuti-lo era a mão que logo foi substituída por um pauzinho, quando o homem começou a participar do ritual; posteriormente tornou-se meio de transmitir mensagens a grandes distâncias; e bem depois foi utilizado para cerimônias de guerra e de morte.
Cada criança repete, com seu tambor, este desenvolvimento histórico. E’ um de seus primeiros

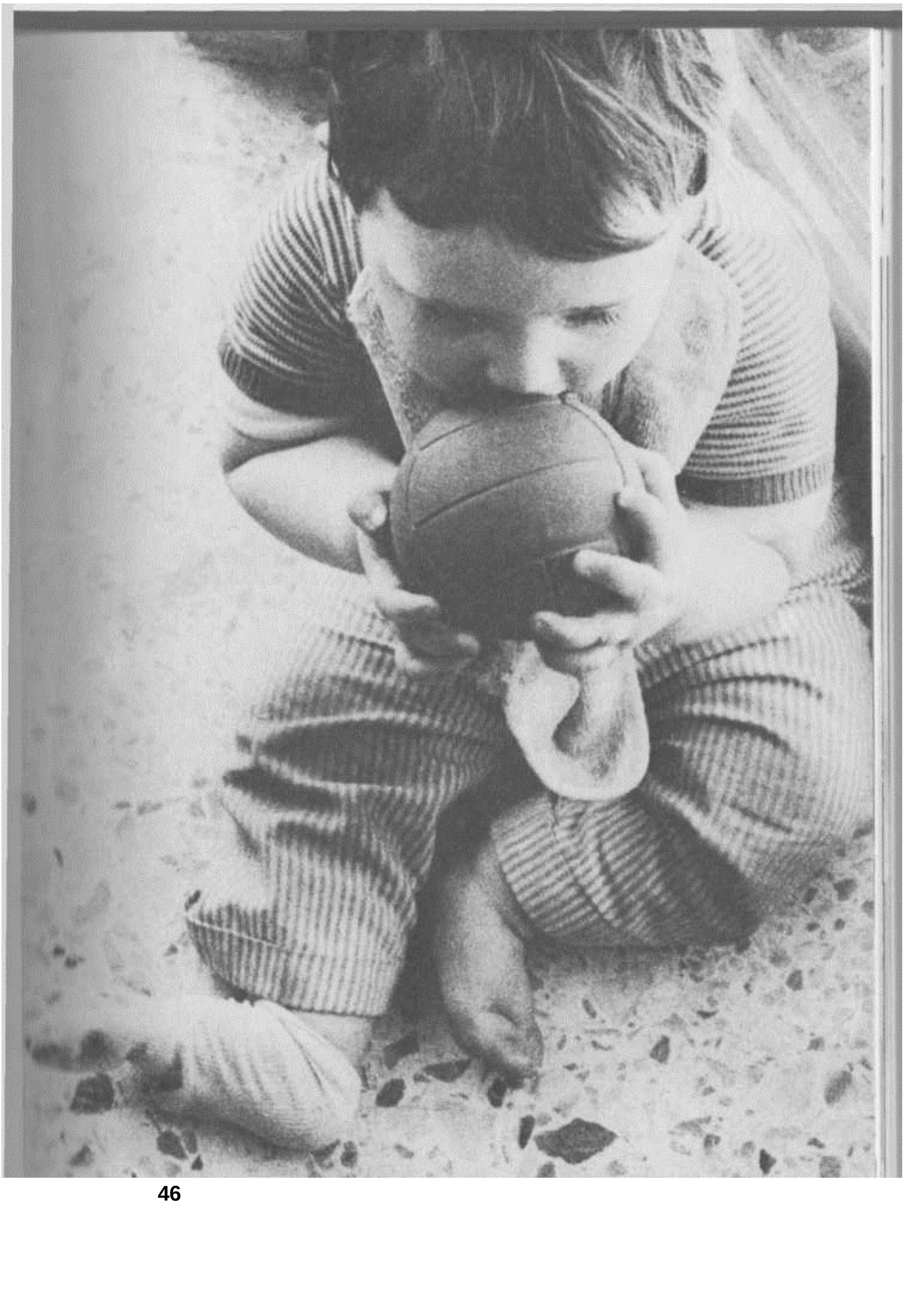
brinquedos e lhe interessa sobretudo a partir do final do primeiro ano, porque para ela simboliza o ventre fecundo da mãe; depois torna-se meio de comunicação; e, por último, objeto de descarga das tendências agressivas.

Uma tampa de alumínio e uma colher de madeira são, para a criança, o melhor tambor. Entre os onze e dezoito meses serve a suas necessidades de descarga motriz; e o fato de ser inquebrável facilita esta descarga, pois percebendo a realidade de que não se destrói, diminui na criança o temor a suas tendências destrutivas e, por conseguinte, também sua culpa.

Ao final do primeiro ano

o globo e, depois, a bola constituirão o centro de seu interesse. As fantasias de união vão dando origem ao forte desejo de ter um filho. O corpo de sua mãe e também o seu próprio estão simbolizados nas formas esféricas. A menina e o menino se identificam com a mãe, querem um filho

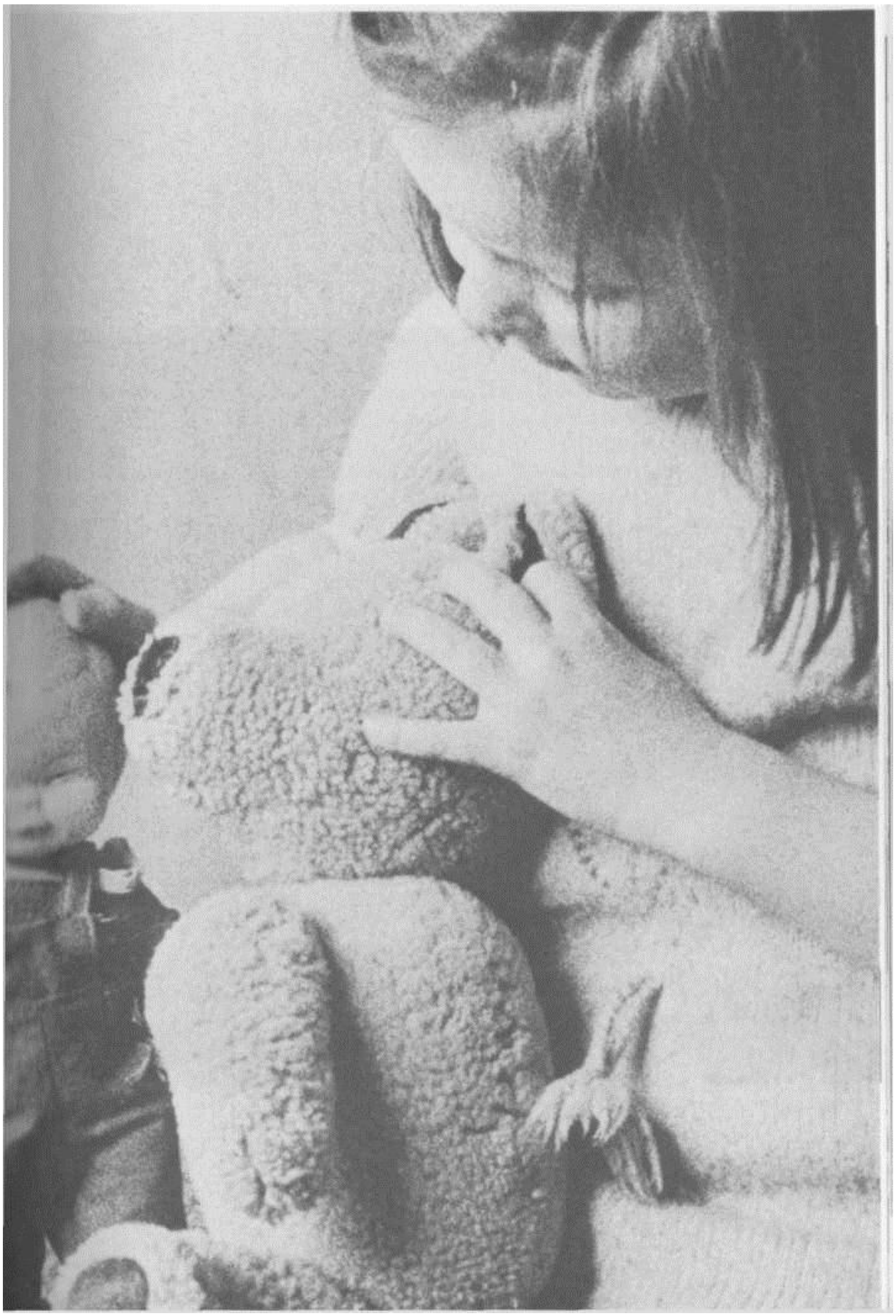
dentro de seu corpo, imaginam-no e brincam com esse desejo. Esse filho é o que depois se tornará palavra, já que a palavra é para a criança um objeto concreto, capaz de substituir magicamente o objeto real externo.
Quando diz “mamãe", possui sua mãe; quando diz “nenê”, é como se tivesse um filho. O globo e a bola são o ventre fecundo de sua mãe e também o seu próprio; persistirão como brinquedos através dos anos.



Além das bonecas

os animais prediletos corporificam os filhos imaginados: serão objeto de amor e maus tratos. Todas as suas experiências biológicas se traduzirão em jogos com bonecas e animais.

Desse modo começou a aprendizagem da maternidade e da paternidade.

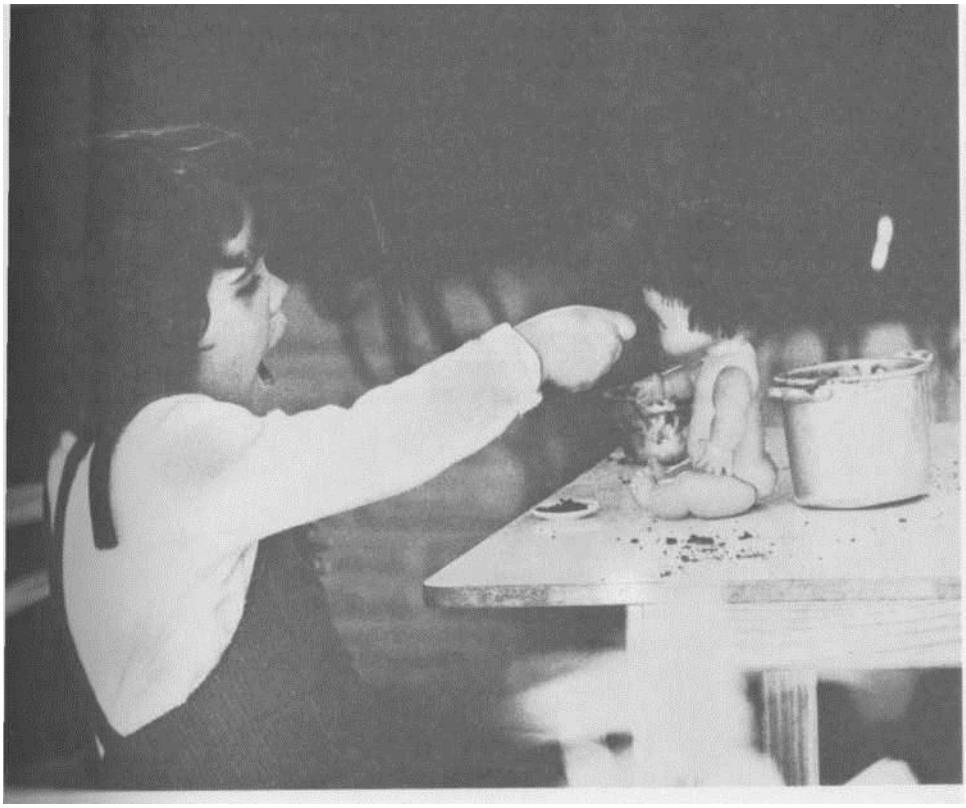


Vasilhas, pratos

tampas, frigideiras, talheres, servem para receber e dar alimento a seus filhos ou para submetê-los a privações. Esta experiência de alimentar e ser alimentado traz também experiências de perda e recuperação.

Aos dois anos, aproximadamente, começam a interessar-lhe os recipientes que utiliza para derramar substâncias de um lugar para outro.

Esta atividade lúdica pode ser tomada como indício de que espera e necessita aprender a controlar os esfíncteres, isto é, a adquirir a capacidade de entregar à sua vontade os conteúdos do corpo.



Desde bem pequeno

a imagem que aparece e desaparece ocupou sua vida mental. O fato de a imagem — tanto a externa quanto a própria — ser fugaz, a angustia. Mas, por volta dos três anos descobre como recriá-la e retê-la mediante desenhos e, assim, diminui a angústia. Começa o menino a explorar seu corpo para logo interessar-se pelos objetos imaginados; também quando desenha, seu primeiro interesse é o corpo. A casa, que simboliza o corpo, será o objeto central de suas paisagens.

manifestam certa rejeição pelos brinquedos de corda; esse tipo de brinquedo é muito valorizado pelo adulto, mas eu diria que nunca um brinquedo de corda se transforma no predileto da criança. Para a criança pequena, é difícil

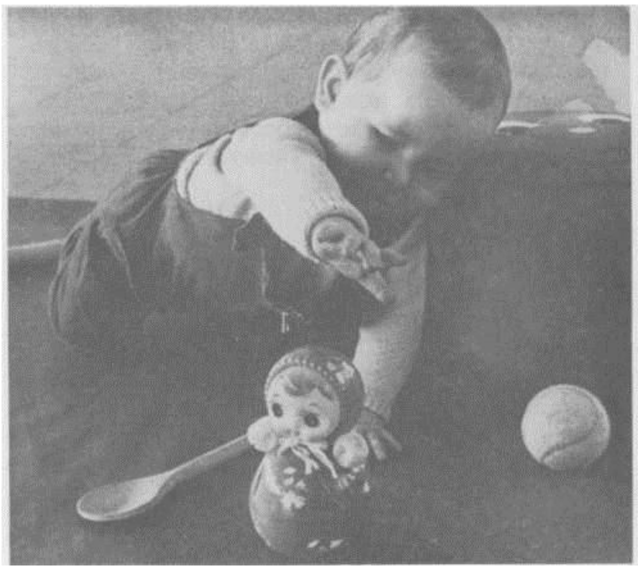
Meninos e meninas

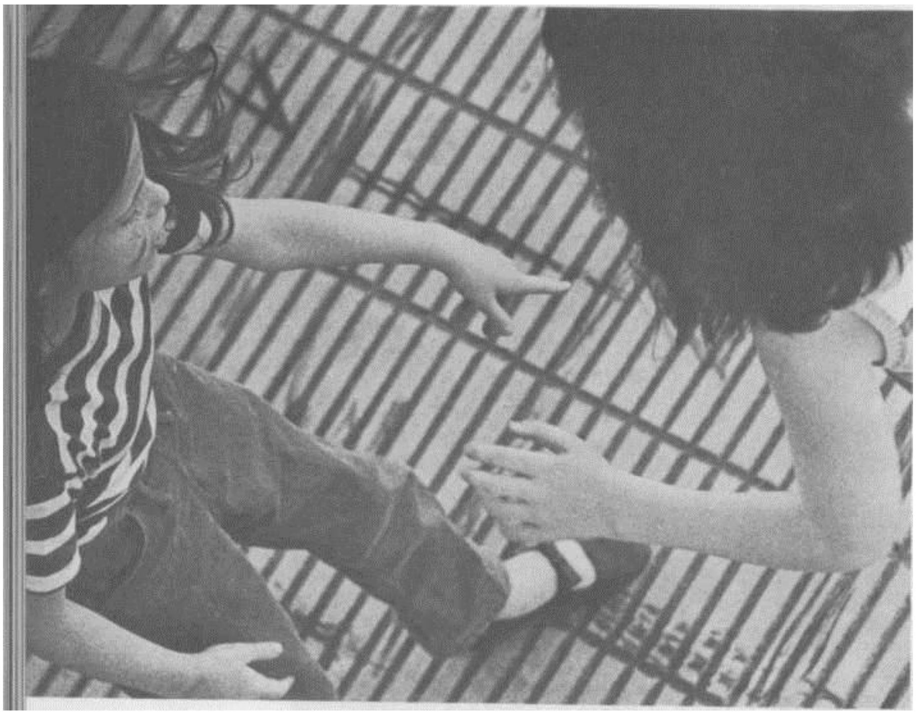
manejar tais brinquedos, por isso, em vez de sentir prazer, experimentará profunda frustração e dor pela impotência e incapacidade de usá-los.

Custa-lhe esforço pô-los em funcionamento ou os brinquedos se quebram com facilidade, o que é motivo de angústia. Todos aqueles brinquedos que, pela simplicidade, facilitam a projeção de fantasias, são os que têm mais possibilidades de ajudá-la na função específica do brinquedo, que é a de elaborar as situações traumáticas.

brincam, indistintamente, de alimentar e ser alimentados, de expelir e reter.

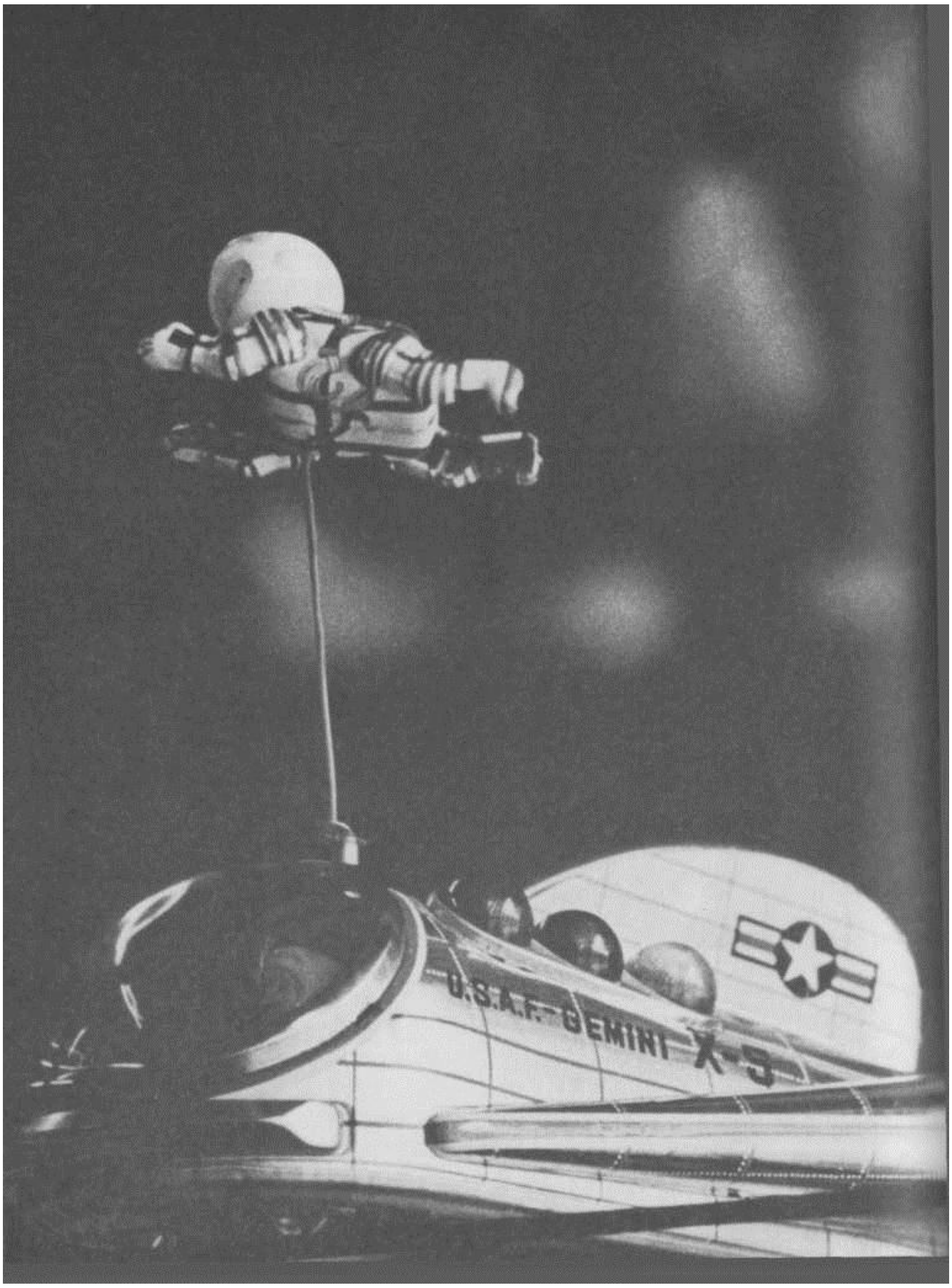
Os adultos projetam seus preconceitos sobre a diferença de sexos, não vêem com bons olhos este brinquedo para os meninos e o permitem às meninas. Esquecem-se de que eles também brincaram de ter filhos e de cuidá-los.





Há jogos que revelam seu significado genital

de modo muito pouco encoberto: as bolinhas de gude, o bilboquê, o futebol. Outros há, entretanto, que encobrem, cuidadosamente, tal significado e o expressam, por assim dizer, num plano de quase abstração.
Que significa “a amarelinha"? A criança entra, sai, caso pare perderá, há dificuldades e vantagens, céu e inferno. Tanto meninas como meninos brincam de amarelinha.


U.S.A.F. GEMINI X-5

Os adultos

fabricam os brinquedos das crianças. Alguns, como o chocalho e a bola, permanecem sem modificações através dos anos. Outros são cópias de situações novas e vão cumprindo as necessidades do adulto de elaborar a inclusão de novas situações de perigo. Exemplo disso é a invasão de discos voadores e elementos de guerra atômica que tiveram seu aparecimento no mundo dos brinquedos e nas imagens das estórias para crianças dessa idade.

A partir dos sete ou oito anos

e até a puberdade, o corpo volta a ter um papel fundamental.
O gosto pela luta, pelas corridas, pelo futebol se intensifica; acentua-se o prazer pelo jogo de pegar e de esconder, pelos brinquedos com as mãos.
O apogeu desses brinquedos é o quarto escuro, onde a exploração e a procura já têm conteúdos genitais muito evidentes. A escuridão, como condição necessária, neste jogo, nasce à medida que as capacidades genitais vão se definindo mais e se torna possível a utilização dos órgãos.

Se no início

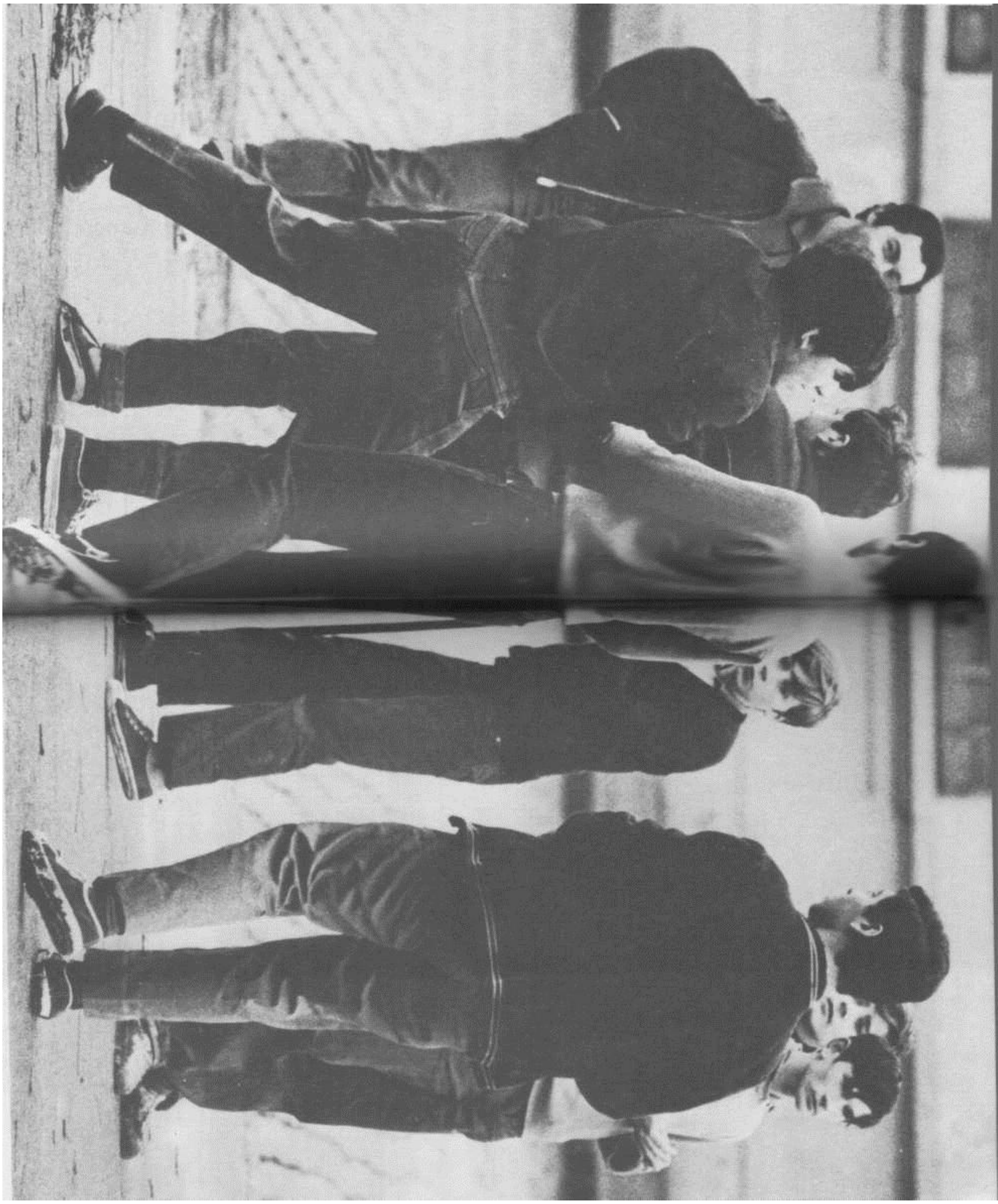
da vida a criança passou do brinquedo com o corpo para o brinquedo com objetos, agora irá abandonando esses objetos para se orientar novamente e, de modo definitivo, para seu corpo e o de seu par.

Desprender-se dos brinquedos

exige da criança uma longa luta de desolação. Há adolescentes que guardam alguns brinquedos de sua infância quando há muito não mais os utilizam para brincar.
A partir dos dez ou onze anos, a menina e o menino procuram formar grupos. Os meninos têm meninos à sua volta e as meninas têm meninas, porque necessitam se conhecer e aprender as funções de cada sexo.
Pouco a pouco, vão abandonando o mundo dos brinquedos, e na puberdade, quando os dois grupos se unem, as experiências amorosas substituirão o brincar com brinquedos.

O adolescente

não somente se despede dos brinquedos e de seu mundo lúdico, como também se desprende para sempre de seu corpo de criança. Sua condição de adulto é o resultado de perdas sucessivas da identidade infantil e adolescente, perdas que o preparam para uma nova experiência: a de ter um filho.



A criança ao nascer

trouxe ***a*** expectativa do tipo de pais que viriam a seu encontro. A totalidade de suas experiências com eles e com o mundo determinarão, agora, sua forma de querer e receber um filho.



ARMINDA ABERASTURY **A**
CRIANÇA E SEUS JOGOS

A criança e seus jogos contém a vastidão de conhecimentos da autora, sua profunda compreensão e suas descobertas originais sobre a vida psíquica da criança - um conhecimento que é transmitido sem a preocupação da ortodoxia do vocabulário técnico, para que o livro sirva não apenas a psicanalistas, psicólogos e pediatras, mas também a professores e pais em geral. A autora oferece uma visão completa da atividade lúdica da criança e seu significado ao longo do crescimento infantil, bem como descreve e explica o jogo do bebê, da criança pequena, do escolar e do pré-adolescente. Valorizam o texto uma série de fotografias de caráter documental, especialmente obtidas para ilustrá-lo, em uma harmoniosa unidade de conceito e imagem.

Pais e professores encontrarão respostas para perguntas tais como "A criança de 5 a 6 anos brinca?", "Este brinquedo é normal?", "Ele corresponde à idade da criança?", "Qual o brinquedo mais adequado a uma determinada criança?" e "Por que há crianças que não querem brincar com determinados brinquedos?".

ISBN 978-85-7307-662-2
9 788573 076622

artmed
EDITORA
RESPEITO PELO CONHECIMENTO

R
j

artmed

www.artmed.com.br